A Filosofia Política e a Sociedade atual

Um estudo no pensamento filosófico de Byung-Chul Han

Daniel Mary Ameh Okwori *

Resumo

O presente artigo visa uma análise crítica da sociedade atual, essencialmente, conforme exposta por Byung-Chul Han, nas suas obras *Psicopolítica, neoliberalismo e novas técnicas de poder* e *Sociedade do Cansaço*. Para tanto, partimos esclarecendo dois conceitos importantes da investigação como 'sociedade' e 'filosofia política'. Em seguida, vamos apresentar as ideias fundamentais de alguns filósofos contemporâneos sobre a *biopolítica*. No terceiro momento, com Byung-Chul Han, examinaremos a *psicopolítica*, argumentando que a sociedade de hoje é, basicamente, uma de auto exploração.

Palavras-chave: Sociedade. Biopolítica. Psicopolítica.

Abstract

This article aims at a critical analysis of the present-day society, essentially, as expatiated by Byung-Chul Han, in his two works *Psychopolitics, neoliberalism and new technologies of power* and *The Burnout Society*. To

* Mestrando em Filosofia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), Belo Horizonte, MG. Mestre em Teologia pela Duquesne University of the Holy Spirit, Pittsburgh, Pennsylvania, USA. bvmlovesdan@gmail.com.

accomplish this onerous task, we first begin by clarifying two important concepts of our research, terms like 'society' and 'political philosophy'. Next, we will present the fundamental ideas of some contemporary philosophers about 'Biopolitics'. In the third moment of this exposition, with Byung-Chul Han, we will examine 'Psychopolitics', arguing that the current society is basically one of self-exploration.

Keywords: Society. Biopolitics. Psychopolitics.

Introdução

A sociedade do século XXI é bastante complexa para ser descrita analisada adequadamente. Porém, alguns filósofos políticos contemporâneos nos fornecem umas dicas sobre como proceder nesta aventura racional. Byung-Chul Han (1959 -), um filósofo sul-coreano, formado na filosofia ocidental, se destaca, eloquentemente, com as suas ideias e análises sobre a nossa sociedade de hoje. Para ele, estamos vivenciando um tempo de excesso de positividade e de autoexploração, uma *Sociedade do Cansaço* que já está nos apresentando as suas consequências negativas de doenças neuronais. Não se pretende, aqui, esboçar a realidade complicada da sociedade atual sob todas as esferas. Neste artigo, o nosso objetivo é chegar a uma análise concisa, mas crítica, da sociedade atual, essencialmente, conforme exposta por Byung-Chul Han, em seus textos *Psicopolítica, neoliberalismo e novas técnicas de poder* e *Sociedade do Cansaço*. Para tanto, partimos de um breve esclarecimento de dois dos termos importantes da investigação: 'sociedade' e 'filosofia política'. Em seguida, vamos apresentar as ideias fundamentais de alguns filósofos contemporâneos, como Michel Foucault, Roberto Esposito e Giorgio Agambem, sobre a *biopolítica*. No terceiro momento, examinaremos a *psicopolítica*, segundo Byung-Chul Han, demonstrando que a sociedade atual, com excesso de positividade, é de autoexploração.

1. Esclarecimentos Preliminares

O *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* define 'sociedade' como "reunião de pessoas unidas pela origem ou por leis. [...] União de pessoas ligadas por ideias ou por algum interesse comum" (2008-2010). Assim, a sociedade pode ter um senso particular, referindo a um grupo como uma tribo, uma comunidade, uma nação ou um país. Ela, ainda, pode possuir uma percepção mais abrangente, relacionando a toda humanidade, por exemplo, a sociedade de uma época ou século. A última conotação geral do

termo será, essencialmente, empregada em nossa investigação. Vamos nos delimitar mais às sociedades contemporâneas dos séculos XX e XXI.¹

Melissa Lane declara que a 'filosofia política', no sentido geral, originada na era clássica da filosofia da Grécia Antiga, foi inventada por Platão e reinventada por Aristóteles. Para ela, esse ramo da filosofia

abrange reflexões sobre a origem das instituições políticas, os conceitos usados para interpretar e organizar a vida política como justiça e igualdade, a relação entre os objetivos da ética e da natureza da política, e os méritos relativos de diferentes arranjos ou regimes constitucionais. (LANE, 2018).

Com isso, percebemos que a *filosofia política* concerne a tudo sobre as teorias e as análises críticas acerca da *política* — que é a organização da vida humana em sociedade. Adicionalmente, a filosofia política se preocupa com a natureza das relações entre os cidadãos e os poderes políticos. Este ponto se destaca em Elton Vitoriano Ribeiro que define a filosofia política como

- a) a análise filosófica das relações dos cidadãos entre si e com a sociedade;
- b) a análise das formas de poder e das condições em que o poder é exercido;
- c) a análise das constituições, os sistemas de governo, e a natureza, validade e justificação das decisões políticas. Será também o estudo da natureza, validade e justificação das instituições coercitivas que compõem as sociedades desde as mais elementares como a família até as mais complexas como é o caso do estado nação. (RIBEIRO, 2017).

Com Ribeiro temos uma descrição mais elaborada da filosofia política, que não somente trata das relações entre o indivíduo e o poder político, mas também que se preocupa com a natureza das relações entre os cidadãos numa determinada sociedade. Ao analisar as formas de poder, constituições que organizam a vida humana em sociedade e as instituições políticas, a filosofia política se interessa com a promoção do bem-estar de cada cidadão, grupo ou unidade da sociedade. Ao descrever a realidade de cada época ou sociedade, o filósofo político, também, prescreve *normas* sobre como o poder político deve ser exercido em sociedade, e como os indivíduos e grupos devem se comportar. A sociedade, em todos os seus âmbitos e instituições, é o campo de trabalho do filósofo político.

¹ Na presente exposição, o século XX será descrito como a sociedade moderna e o século XXI será referido, mais, como a sociedade atual ou a sociedade contemporânea.

A enciclopédia *New World Encyclopedia* (2019) informa que a revolução industrial — iniciando na segunda parte do século XVIII e caminhando até o início do século XIX — provocou uma revolução correspondente no pensamento político, abrindo espaço para a *urbanização* e o *capitalismo* redefinir essencialmente a sociedade moderna. Outros movimentos, segundo a enciclopédia, que impactaram bastante a sociedade moderna, neste período, são *marxismo* e *socialismo*, que ganharam o apoio, basicamente, da classe trabalhadora urbana. Hoje, há um debate cada vez maior entre uma ala *Direita* que enfatiza fortemente a liberdade do indivíduo na sociedade e do sistema econômico capitalista, por um lado, e uma escola de pensamento da ala *Esquerda*, que promove mais a igualdade das pessoas, classes e línguas, junto com a ordem econômica do socialismo. Em alguns âmbitos de pensamento contemporâneo, a contenda é entre *neoliberalismo* (Direita) e *comunitarismo* (Esquerda). É a partir dessas considerações que os poderes políticos e a organização da sociedade contemporânea podem ser melhor analisados. Sobre a natureza de poderes políticos, alguns filósofos contemporâneos, como Michel Foucault, Roberto Esposito e Giorgio Agamben, vêm à tona com percepções inovadoras sobre as sociedades moderna e contemporânea.

2. Biopolítica e a Sociedade atual

O termo 'biopolítica' não possui uma definição direta ou exclusiva, mas é um conceito que pode relatar vários assuntos sobre a vida humana nas sociedades moderna e contemporânea — abrangendo as esferas como política, bioética, e inovações em biomedicina e (ou) biotecnologia. Thomas Lemke declara que "'biopolítica' serviu, em muitos debates, como uma chave interpretativa para a análise e a crítica de formas contemporâneas de poder". (LEMKE, 2018, p.7). Para ele, essas contendas filosóficas visam ao corpo e à natureza; sem deixar para trás o debate sobre a raça, o gênero, a vida e a morte.

No âmbito filosófico, é geralmente aceitável que o termo 'biopolítica' nasceu com Michel Foucault (1926 - 1984), um grande filósofo político francês. Na visão de Lemke, *biopolítica* em Foucault

refere-se ao desenvolvimento de um saber político específico e de novas disciplinas, como a estatística, a demografia, a epidemiologia e a biologia, que analisam os processos da vida no nível das populações, para "governar" indivíduos e coletivos por meio de medidas corretivas, excludentes, normalizadoras, disciplinadoras, terapêuticas ou otimizadoras. (LEMKE, 2018, p.16).

Nesta definição elaborada observamos que, para Foucault, biopolítica tem a ver com as técnicas modernas que os políticos utilizam para controlar

e organizar as populações. Foucault trata 'bio-poder' - o poder exercido na biopolítica - como *poder soberano* e *poder disciplinar*, e poder como a própria ação governamental de controle das pessoas e populações. Tadas Vinokur (2020), resumindo este ponto em Foucault, afirma que poder soberano acontece quando um rei soberano ou imperador (especialmente, no tempo pré-moderno) dá ordens e punições aos seus súditos. O poder disciplinar, segundo Tadas, refere mais ao tempo moderno, quando escolas e prisões utilizam poder de restrições para monitorar as pessoas e punir os infratores; e finalmente, o poder como ação governamental de controle (governamentalidade) refere-se ao poder que emergiu junto com o *neoliberalismo*, o poder que aproveita das regulações sociais como o controle das populações e o autogoverno dos indivíduos. (VINOKUR, 2020). Na perspectiva de Byung-Chul Han, podemos dizer que estas sociedades descritas por Foucault - a sociedade soberana e a sociedade disciplinar - são sociedades de negatividade ou de liberdade negativa. São épocas em que os políticos negam e reprimem a autonomia das pessoas e os seus direitos. Sobre a crueldade da época dos soberanos, Foucault relata que o soberano exercia o seu direito à vida, o direito formulado inicialmente para preservar a vida, mas que se tornou o *direito de tirar a vida ou deixá-la viver*. (FOUCAULT, 1978, p.136).

A noção de *biopolítica*, acima explicitada, passou por desconstrução nos pensamentos de alguns filósofos atuais como Roberto Esposito, Giorgio Agamben, Michael Hardt e Antonio Negri. Roberto Esposito (um filósofo italiano contemporâneo), influenciado por Foucault, emprega o termo biomédico de 'imunização' (*immunitas*) para o campo da biopolítica. No seu livro *Bios: Biopolítica e Filosofia* (2018), ele rompe com as ideias de Foucault. Para ele, a ideia foucaultiana de biopolítica é ambígua, e a passagem do poder soberano ao poder disciplinar, que é muito enfática em Foucault, parece mais uma ruptura. Entretanto, discordamos com Esposito sobre essa reinvidicação. A distinção feita por Foucault sobre a era pré-moderna, com os poderes soberanos, e a passagem para a época moderna de disciplina e controle dos corpos, é confirmável nos anais da história do Ocidente. A sociedade ocidental sofreu uma mutação significativa depois ou durante o iluminismo (1715 – 1789) e a revolução industrial, especialmente a revolução francesa (1789 – 1799). Com estes eventos (entre outros), podemos afirmar, apoiando os argumentos foucaultianos, que a sociedade humana (principalmente a sociedade ocidental) passou do poder soberano para o poder disciplinar. No entanto, não podemos duvidar do fato de que Esposito traz algo novo à tona.

A 'biopolítica' como *imunização*, para Esposito, não pode ser concebida como uma restrição da autonomia do indivíduo vindo de fora (de um soberano ou de uma instituição política de controle), "mas o modo intrinsecamente antinômico em que a vida se conserva através do poder". (ESPOSITO, 2018, p.74). Neste sentido, Esposito compreende *imunização* como 'uma proteção negativa' da vida. A imunidade social, então, seria uma defesa ou proteção da sociedade contra os riscos percebidos. A questão ou

crise da imigração junto com o racismo, também presente no Brasil, têm a ver com este ponto de vista. A sociedade se imuniza, como uma vacina aumenta o sistema imunológico de um corpo contra o vírus. A pandemia provocada pelo novo coronavírus (Covid 19) e as realidades atuais colaboram bem com essa ideia do Esposito. No apogeu da pandemia atual — de março a maio de 2020 — testemunhamos como o mundo inteiro ficou parado e com os países (especialmente na Europa) fechando as fronteiras. Percebemos como os outros (por ex. os imigrantes e refugiados) se tornaram o inimigo, além do próprio vírus. Com Esposito, concordamos que um excesso da *imunização* leva a autodestruição, e isso é a natureza da sociedade moderna e atual, infelizmente.

No seu livro, *O Uso dos Corpos* (2017), Giorgio Agamben, um filósofo italiano contemporâneo, demonstra como o corpo humano está sendo explorado na sociedade atual - uma relação com o corpo que é, essencialmente, de uma mera propriedade. O filósofo observa, com base em Guy Debord, que na presente sociedade existe uma atitude constante

em que a vida nunca é definida como tal, mas é todas as vezes articulada e dividida em bios e zoè, vida politicamente qualificada e vida nua, vida pública e vida privada, vida vegetativa e vida de relação, de maneira que cada uma das partições seja determinável apenas na relação com as outras.(AGAMBEN, 2017, p.19).

Com essa separação, os políticos atuais, para Agamben, tratam a vida humana como “vida nua”, ou seja, como uma vida despojada de seu sentido essencial, mas reduzida à existência molecular biológica. Hoje, as pessoas são meros números e estatísticas nas mãos de políticos e governos. A pandemia atual sustenta esta linha de pensamento. Os políticos e governos atuais se preocupam mais com estes números e suas implicações para as suas respectivas economias do que a saúde e o bem-estar da população, especialmente os menos favorecidos e imigrantes.

Até aqui, fica lúcido que a sociedade humana já atravessou épocas diferentes na história. Com Michel Foucault percebemos que a sociedade passou da era do poder soberano para a época moderna de poder disciplinar. Nas perspectivas de Esposito e de Agamben fica mais claro ainda que na sociedade contemporânea o poder político faz com que as pessoas se distanciam uns dos outros, por preservação, e reduzindo a vida humana à existência molecular biológica. Byung-Chul Han, porém, vai nos conduzir ao campo da psique do indivíduo. O que está em jogo em todos esses argumentos é a questão da *liberdade* na ação humana.

3. Psicopolítica e a Sociedade do século XXI

O termo ‘psicopolítica’ é o título de um texto de Byung-Chul Han publicado em 2000, *Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de*

poder. Nesta obra, ele inicia discutindo a realidade paradoxal da 'liberdade' no contexto neoliberal, onde a própria liberdade provoca coerções. Para Han, as doenças psíquicas como depressão, ansiedade e esgotamento (*burnout*) expressam uma profunda crise de liberdade, que hoje se converte em coerção. (HAN, 2000, p. 10). Han descreve o sujeito neoliberal como empreendedor de si mesmo, e o sistema neoliberalismo - uma mutação do capitalismo - como um processo eficiente na exploração da liberdade das pessoas. Influenciado por Karl Marx (1818-1883), Han demonstra que liberdade, basicamente, significa um relacionamento - um relacionar-se com o outro. (Ibid., p.11). Assim, concordamos com Han. A liberdade humana pode ser realizada em comunidade. O 'relacionar-se' com o outro na comunidade, aqui, serve como um elemento fundamental para a reflexão filosófica na busca do critério que fundamenta a ação livre da pessoa humana. Opinamos, então, que uma das crises mais fundamentais da nossa sociedade atual é a do individualismo, que é cada vez mais radical. Referimos, aqui, ao egoísmo e o amor ao capital que conduz ao vício do consumismo. Han afirma que no neoliberalismo a relação é sempre com o capital (ou o dinheiro), que está se tornando um *novo deus*, e por isso o sujeito neoliberal não é mais livre de verdade. Para melhor descrever este sujeito contemporâneo, explorador de si mesmo, e o neoliberalismo, Han utiliza imagens como 'poder inteligente', 'a toupeira e a serpente', 'o amável grande irmão', 'big data', entre outras.

O *poder inteligente* é um poder que se manifesta de uma maneira diferente e de um modo silencioso. Han afirma que este poder que não expressa violência, nem repressão, deixa as pessoas *dependentes*, em vez de torná-las *obedientes*. (HAN, 2000, p.26). O ponto do pensador, aqui, é demonstrar que quanto maior e mais dominante este poder é, mais silenciosamente ele se apresenta, e muito menos é percebido por muitos. Um caso fácil de pensar é o uso de *smartphone* no tempo atual. É uma tecnologia fantástica, com o objetivo de melhorar as nossas vidas. Porém, com tempo, está virando gerador de seres *dependentes* e escravos de si mesmos - criando um falso sentido de liberdade e transparência. O *smartphone*, entre outras técnicas do poder neoliberalista, não conseguem nos proteger daquilo que queremos. Assim, o excesso de liberdade leva à negação de liberdade.

Identificando a *toupeira* como o animal da sociedade disciplinar, Han apresenta a *serpente* como o animal da sociedade neoliberal do controle, que sucede a sociedade disciplinar - aqui, a toupeira é trabalhadora e a cobra, por sua vez, é empreendedora de si mesma. (HAN, 2000, p.29-30). Se a sociedade disciplinar do século XX é de biopolítica ou bio-poder, a sociedade contemporânea do século XXI, na visão do Han, segue como um regime da exploração da psique das pessoas (psicopolítica).

A imagem do *amável grande irmão* é empregada por Byung-Chul Han para apontar a distinção lúcida entre o estado de vigilância criado por George Orwell, no seu romance *1984* que suprime a liberdade de pensamento e de consciência, e o pan-óptico digital de Jeremy Bentham -

com a internet, os smartphones e o Google glass - que é dominado pela aparência de liberdade e comunicação ilimitadas. (HAN, 2000, p.56). A sociedade disciplinar de bio-poder é descrita como 'estado de vigilância' e a sociedade da exploração da psique humana é retratada com a imagem do 'pan-óptico digital'. Han, com a analogia do *amável grande irmão*, propõe-se mostrar que no pan-óptico digital (isto é, a sociedade do século XXI) a verdade deixa lugar para a transparência e a informação ilimitada - com tuitados, curtidos e postados nas redes sociais. Portanto, o novo objetivo do poder, no atual século, não se encontra na administração do passado, mas no controle psicopolítico do futuro, e concedendo para o *grande irmão* um rosto *amigável* (Ibid., p. 56).

Han utiliza a imagem de *big data* para apontar que a sociedade contemporânea favorece a capacidade de reunir enormes quantidades de dados. Este *dataísmo*, para o filósofo político, é como que fosse um 'segundo iluminismo'. Afirma, ele, que:

O dataísmo surge com a ênfase em um *segundo Iluminismo*. No *primeiro Iluminismo*, acreditava-se que a *estatística* seria capaz de libertar o conhecimento do teor mitológico; por isso, a estatística foi festejada com euforia pelo primeiro Iluminismo... A *transparência* é a palavra-chave para o *segundo Iluminismo*. Os dados são um *médium* transparente...[e] o imperativo do segundo Iluminismo é: tudo deve se tornar dados e informação. (HAN, 2000, p.79-80).

Na época atual de *big data* - com excesso de dados e informação - o sujeito festeja o desejo compulsivo de ser transparente, e com o objetivo de ser libertado do *conteúdo mitológico* da sociedade disciplinar do século passado. Ele quer ser livre de uma ordem externa e constrangedora, porém, acaba levando a pior, isto é, tornando-se escravo de si mesmo. Inspirado por Theodor W. Adorno (1903-1969), Han ressalta que esta ideia de *transparência* - que visa uma saída do mito da sociedade do século XX - também é uma outra expressão do mito, e que o *dataísmo* promete uma falsa clareza. (HAN, 2000, p.82). O sujeito do atual século XXI é um empreendedor de si mesmo que se autodomina e se autoexplora. Realmente, para Han, vivemos numa sociedade do cansaço.

No livro *Sociedade do Cansaço*, publicado no Brasil em 2015, Byung-Chul Han mostra como o Ocidente atual está se tornando uma sociedade do cansaço. O pensador começa dizendo que cada era possui suas doenças principais, e que no início do atual século XXI estamos enfrentados com as enfermidades neuronais como a depressão, síndrome de hiperatividade ou síndrome de *burnout*, todas elas provocadas pelo excesso de *positividade*. (HAN, 2019, p. 6). Han relata que o século XX foi um de negatividade (liberdade negativa), uma era imunológica marcada pela nítida diferença entre o que é dentro e o que vem de fora, uma época de *alteridade*.

Num documentário “Müdigkeitsgesellschaft” (‘Sociedade de fadiga’), Han ressalta que não vivemos mais numa sociedade disciplinar controlada por proibições, ordens e punições, mas que já nos encontramos na sociedade orientada para a autorrealização, uma sociedade que é supostamente livre, motivada pelo chamado de “yes, we can” (‘sim, nós podemos’)² - uma sociedade de *desempenho*, de *autoexploração*. (HAN, 2016). Essa sociedade, com sua ideia de liberdade (como excesso de positividade), está empenhando-se muito e sempre mais para desmontar as barreiras e proibições, que marcam a sociedade disciplinar. Han argumenta que essa capacitação apenas inicialmente cria uma sensação de liberdade, porém, logo mais, compulsões são geradas do que o indivíduo consegue lidar. Para o filósofo, presumimos que somos seres livres (no contexto neoliberal), mas, na realidade, nós nos exploramos voluntária e apaixonadamente até o colapso (Ibid.). Essa queda ou esgotamento é a consequência do excesso de positividade. Desta situação paradoxal, Han conclui que o projeto de liberdade, tão característico da civilização ocidental, fracassou veementemente - e fica claro que o excesso da liberdade do indivíduo mostra-se um excesso de capital. Porém, há uma saída em tudo isso? O que pensaria Han sobre uma possível saída desse enigma?

Han apresenta dicas para uma potencial saída. Pegando inspiração com Friedrich Nietzsche (1844 – 1900), Han recomenda para a sociedade atual um pouco mais de *reflexão* e *contemplação*, e menos agitações e inquietações. Precisamos conduzir a vida, festejando e celebrando mais do que desempenhando excessivamente. (HAN, 2019, p. 65). O pensador faz uma bela conexão entre ‘celebrar’ e ‘contemplar’ quando relata que “a festa é o evento, o lugar onde estamos junto com os deuses, onde, inclusive, nós próprios nos tornamos divinos. (Ibid., p.67). Para isso se cumprir, precisamos ter uma meta ou *telos* na vida, uma conexão de dependência para a maior força, Deus. Para Han, precisamos cultivar o hábito do *idiotismo*, andando contra a corrente do neoliberalismo que leva às enfermidades neuronais. (HAN, 2000, p.109).

Considerações finais

Após nossa análise sobre o conceito da *filosofia política* nas sociedades moderna e contemporânea, com ênfase na visão filosófica única de Byung-Chul Han, afirmamos que a sociedade do século XXI é, fundamentalmente, uma sociedade de desempenho e de autoexploração, que, facilmente, leva às doenças neuronais. Logo, concordamos com os argumentos e as críticas de Han sobre a sociedade do presente século.

² ‘yes we can’ foi uma expressão de motivação proclamada pelo Ex-Presidente dos Estados Unidos da América (EUA), Barack Obama, em 2008.

Todavia, podemos perguntá-lhe se é somente o *neoliberalismo*, junto com seu sistema político-econômico de *capitalismo*, que influenciaram e influenciam negativamente a sociedade contemporânea. Quais seriam as possíveis influências sobre a sociedade do século XXI, e outros sistemas econômicos e ideológicos como *socialismo* e o sistema partidário de *comunismo*? Essa questão pode servir como ponto de partida para pesquisas subsequentes nesta área.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *O Uso dos Corpos, Homo Sacer, IV, 2*. [e-book]. (Traduzido por Selvino J. Assmann). São Paulo: Boitempo, 2017.
- ESPOSITO, Roberto. *Bios: Biopolítica e Filosofia*. (Traduzido por M. Freitas da Costa). Lisboa: Edições 70, 2018.
- FOUCAULT, Michel. *The History of Sexuality: The Will to Knowledge, Vol.I*. [e-book] (traduzido para o inglês por Robert Hurley). UK: Random House, Inc., 1978.
- HAN, Byung-Chul. "Müdigkeitsgesellschaft" ["Sociedade de fadiga" tradução livre]. Estreou em 1 de maio de 2016. Disponível em [youtube.com/watch?v=WN3aMCSip1A](https://www.youtube.com/watch?v=WN3aMCSip1A). Acesso em 2 de dez. de 2020.
- HAN, Byung-Chul. *Psicopolítica: Neoliberalismo e novas técnicas de poder*. (Tradução de Maurício Liesen). Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2000.
- HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço* [e-book] (tradução de Enio Paulo Giachini. Edição do Kindle). Rio de Janeiro: Vozes, 2015, 2019.
- LANE, Melissa. 'Ancient Political Philosophy' In *Stanford Encyclopedia of Philosophy*. [e-book] Atualizado em novembro de 2018. Disponível em <https://plato.stanford.edu/entries/ancient-political/>. Acesso em 1 de dez. de 2020.
- LEMKE, Thomas. *Biopolítica: críticas, debates e perspectivas*. (Tradução de Eduardo Altheman Camargo Santos). São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2018.
- "Political Philosophy" In *New World Encyclopedia*. [e-book] Atualizado em 30 de mar. de 2019. Disponível em https://www.newworldencyclopedia.org/p/index.php?title=Political_philosophy&oldid=1019345. Acesso em 30 de nov. de 2020.
- RIBEIRO, Elton Vitoriano. "Política, Filosofia Política e Sociedade. Uma leitura a partir do pensamento filosófico de Lima Vaz" In *Periódicos, FAJE* [ANNALES - ISSN 2526-0782 V. 2 N.2 (2017): 9-15]. Disponível em <https://faje.edu.br/periodicos/index.php/annales/article/view/3809/3863>. Acesso em 30 de nov. de 2020.

“Sociedade” in *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*, 2008-2020. Disponível em <https://dicionario.priberam.org/sociedade>. Acesso em 30 de nov. de 2020.

VINOKUR, Tadas. *Immunity: Roberto Esposito*. Estreou em maio de 2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=OjUoNw4roq4>. Acesso em 30 de nov. de 2020.